

## O Arco Maior, quando são os jovens a falar

Avaliação do primeiro ano de funcionamento do projeto Arco Maior, em 2013/2014, na perspectiva dos seus alunos.

Joaquim Azevedo<sup>1</sup>

*“Quando as crianças se desenvolvem, o crime não”*

*“Diz-me e eu esquecerei; ensina-me e eu lembrar-me-ei; envolve-me e eu aprenderei” (provérbio chinês)*



**Introdução.** A UCP ficou responsável, diante do Ministério da Educação e Ciência, pela avaliação do primeiro ano de trabalho deste projeto socioeducativo com jovens em situação de abandono efetivo, na cidade do Porto.

Este breve trabalho dá conta da análise de 12 entrevistas realizadas aos jovens que, em dois dias seguidos, estiveram presentes nas atividades, em Junho de 2014. Neste altura do ano, com festas populares muito atrativas para empregos temporários de alguns jovens, estas eram as presenças mais regulares no Arco Maior. As entrevistas eram estruturadas e percorriam um conjunto de pontos

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Católica Portuguesa/FEP-Porto e coordenador do Projeto Arco Maior. Fica registado, assim, um sempre possível conflito de interesses entre a coordenação do projeto e a elaboração de um documento da sua avaliação, ainda que reflita sobretudo a ótica dos alunos. Finalizado em maio de 2015.

sobre os quais era solicitada a opinião dos jovens (mais adiante descrevem-se esses pontos). No termo do texto apresentamos uma breve reflexão sobre o tipo de educação e formação que mais se adequa a este tipo de população juvenil que abandonou o sistema escolar e se encontra, sem qualificação e sem emprego, na fronteira da marginalidade.

**O ponto de partida, o projeto Arco Maior:** as quase duas centenas de jovens, sinalizados pelas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ), que anualmente se encontram, no Porto, fora dos sistemas de educação e formação, sem qualquer resposta educativa e formativa, motivaram a mobilização de um conjunto de estruturas e de instituições sociais, desde 2010, no sentido de encontrar uma resposta que assegurasse a sua integração escolar, profissional e social<sup>2</sup>.

Não obstante concordarmos com a necessidade de revisão do modelo de educação escolar que gera esta “exclusão”, evitando que se repitam estas situações, atuando preventivamente e com qualidade, também concordamos na necessidade de lhes fazer face, evitando o pior, o mais caro e até o irreparável. As instituições reunidas entenderam, em 2011, que a cidade do Porto (como qualquer outra) não podia continuar a deixar “escapar” por entre as malhas dos sistemas de educação, formação, apoio e proteção social, com tantos recursos afetos, um tão elevado número de adolescentes e jovens, com tantas e graves consequências humanas e sociais<sup>3</sup>.

Após algumas tentativas de arranque que falharam, em 2011 e em 2012, por falta de apoio sincronizado das várias entidades que urgia envolver na solução, o projeto arrancou em Setembro de 2013, envolvendo o apoio relevante do MEC e do IEF, em instalações cedidas pela Santa Casa da Misericórdia do Porto.

O projeto socioeducativo Arco Maior destina-se, assim, a todos os adolescentes e jovens excluídos ou que se excluíram dos sistemas formais de educação e formação, sem terem completado a escolaridade obrigatória, preferentemente, com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, podendo acolher também jovens com idades superiores.<sup>4</sup>

Por vezes, o Arco Maior também se define pela negativa, pois esse também é um procedimento esclarecedor. Assim, esta proposta-resposta educativa não é uma alternativa às escolas já existentes, é apenas um local e um tempo de *transição* que oferece, a quem já caiu por entre malha de todas as escolas e centros de formação da cidade, o tempo e as oportunidades de se reencontrar e recomeçar, de estabelecer bases minimamente sólidas para um novo itinerário de vida. Este passará, em boa medida, pelo regresso às escolas e aos centros de formação ou pela inserção socioprofissional imediata. Não se deverá, pois, confundir o Arco

---

<sup>2</sup> As instituições que se envolveram nesta iniciativa, em 2010, sob coordenação da Universidade Católica Portuguesa (Porto), foram o Ministério da Educação (DREN), as 3 Comissões de Proteção de Crianças e Jovens do Porto, o Centro Regional de Segurança Social do Porto, a Escola de Segunda Oportunidade de Matosinhos.

<sup>3</sup> Foi elaborado um documento intitulado “O Porto tem resposta”, em que as instituições envolvidas no processo apontavam para um caminho de qualificação e inserção sócio-profissional destes jovens que tinham abandonado o sistema escolar, que a seguir se apresenta muito sumariamente.

<sup>4</sup> No primeiro ano, por força de uma decisão do MEC, o grupo que acolhemos foi de idades posteriores.

Maior com qualquer forma de institucionalização, pois radica nesta transitoriedade. Também não é mais uma escola típica, que tem os seus planos de estudo e metodologias prévia e totalmente desenhados e onde o principal ofício dos professores e educadores é aplicar esses planos. Diante do referencial geral já estabelecido, procurou-se criar, plasticamente e com cada adolescente, as dobradiças necessárias e melhor adaptadas à montagem de cada porta: se mais acima ou mais abaixo, se abre para dentro ou para fora, se se implanta no umbral direito ou esquerdo...de um Arco Maior do que os habituais.

Com base num diagnóstico das aprendizagens escolares, dos saberes práticos e das competências sociais de cada adolescente e jovem, é realizado um projeto de acompanhamento ao desenvolvimento pessoal, seguido por cada docente e por todos eles, num trabalho cooperativo. As áreas nucleares da formação são Linguagem e Comunicação, Matemática para a Vida, Língua Estrangeira/Inglês e Cidadania e Empregabilidade e, ainda, as Práticas Oficiais, que se desdobram em Restauro, Restauração/Cozinha, Artes e Ofícios e TIC-Multimédia. A formação completa-se com outras aprendizagens que visam favorecer a autonomia e a inserção social, como a realização de visitas e estágios. Aos jovens serão proporcionadas, na medida do mérito, certificações escolares do 6º e do 9º anos. O Ministério da Educação, em Junho de 2013, aprovou o Projeto como uma formação do tipo “EFA B2-B3”<sup>5</sup>, a funcionar com o apoio do Agrupamento Escolar de Rodrigues de Freitas (onde os jovens se inscrevem como seus alunos), por ser o que mais perto fica das instalações onde o Arco Maior funcionou.

**O abandono escolar como chaga pessoal e social.** O abandono prematuro<sup>6</sup> da escola é um processo, muito mais do que um resultado momentâneo e abrupto, um progressivo descomprometimento, por parte de cada criança ou jovem, que decorre de múltiplos fatores cumulativos. Começa geralmente bastante cedo e comporta uma multiplicidade de variáveis que se conjugam para provocar um progressivo desinvestimento escolar e um progressivo investimento em outras dimensões da vida, como por exemplo o trabalho (Azevedo e Fonseca, 2007; Dale, 2010; Lamb e Markussen, 2011). Stephen Lamb (2011), com base em estudos de treze países ocidentais, sublinha, entre estes fatores, seis tipos principais: efeitos familiares (exemplo: educação parental e nível socioeconómico do agregado familiar), efeitos escolares (exemplo: qualidade do ensino e recursos, clima escolar e empenhamento profissional dos professores), efeitos dos pares (exemplo: papel dos amigos, cultura e comportamento dos pares), efeitos individuais relativos ao aluno (exemplo: absentismo e frequência escolar, desempenho académico), efeitos da comunidade envolvente (exemplo: características sociais e económicas das comunidades envolventes da escola, papel dos mercados locais de trabalho), efeitos do país e das políticas públicas (exemplo: organização do sistema escolar, gestão escolar e política relativa aos currículos). Outros estudos evidenciam que, entre todos estes, há dois grandes grupos de fatores que funcionam como principais preditores do abandono: por um lado, o contexto familiar (exemplo: nível socioeconómico e cultural,

---

<sup>5</sup> EFA B2-B3” designa um curso de Educação e Formação de Adultos conducente a uma certificação do 2º e do 3º ciclos do ensino básico.

<sup>6</sup> O termo abandono prematuro inclui todas as formas de abandono da educação e da formação profissional antes da conclusão do segundo ciclo de ensino secundário ou do seu equivalente em formação profissional (11 a 13 anos de educação).

aspirações parentais) e, por outro, o percurso/história escolar do aluno (exemplo: absentismo, resultados académicos), conjugado com os fatores de implicação dos alunos no estudo (exemplo: dinâmicas curriculares de escola tendo em vista promover as aprendizagens, progressão escolar realizada). Por isso, Dale (2010) sintetiza assim os elementos-chave que fazem com que certos alunos entrem em processo de abandono: fazem menos trabalhos de casa, exercem menos esforço na escola, participam menos nas atividades escolares, evidenciam comportamentos de baixo compromisso com a escola, apresentam dificuldades de integração social e atitudes negativas face ao estudo na escola e são mais propensos a serem indisciplinados e a serem suspensos.

A estas perspectivas haverá ainda que aduzir, no caso concreto da cidade do Porto, que existe uma forte percentagem da sua população a viver em bairros sociais e “ilhas” (cerca de 24%) e que alguns destes bairros concentram fenómenos de violência quotidiana, tráfico de droga e pobreza que funcionam como climas fortemente agravantes dos aspectos acabados de enunciar.

A curto prazo, um jovem que abandona prematuramente a escola pode estar associado a desemprego, a trabalhos precários e mal remunerados e a dificuldades de obtenção de um lugar no sistema de formação profissional. Os custos pessoais, económicos e sociais do abandono prematuro são tremendos. A Comissão Europeia (2011) estima que a simples redução de um ponto percentual no abandono escolar prematuro provoca um potencial adicional de quase meio milhão de jovens trabalhadores qualificados na economia europeia. O problema, sublinha a Comissão, é que entre 2000 e 2010 a redução foi de apenas 3,2%, muito aquém do estimado.<sup>7</sup>

Como diz Levin (2003), as vias e os percursos escolares mais integrados e flexíveis, quando combinados com um elevado apoio individualizado dos professores, parecem conduzir a melhores resultados e a uma melhor distribuição das oportunidades educacionais. Os alunos tendem a obter melhores resultados, como quase todos os professores o sabem, em ambientes escolares onde existem elevadas e positivas expectativas, onde se aprende com entusiasmo, onde o clima disciplinar é rigoroso e existem boas relações alunos-professores.

**Os fatores de risco.** Para compreender a situação dos jovens que abandonaram a escolaridade é preciso ter em conta um conjunto vasto de fatores de risco que, nestes casos, podem ter influenciado e podem continuar a influenciar os comportamentos desta população específica (Hawkins, J.D. et al., 2000). Por outro lado, a análise da reinserção escolar e socioprofissional destes jovens tem realçado alguns pressupostos para que tal processo de reinserção e de autonomização ocorram (Funico & Soares, 2009). Estes autores identificam três tipos de percursos de jovens no seio de projetos deste tipo: os desistentes, os resilientes e os certificados. Ambas as vertentes de análise são da maior utilidade neste tipo de avaliação do Arco Maior.

Entre os factores de risco deste tipo de populações, podemos anotar:

(i) *Individuais*, tais como desordens internalizadas (hiperatividade, problemas de concentração, desassossego, preocupação e ansiedade), agressividade, iniciação precoce a comportamentos violentos, envolvimento em várias formas de

---

<sup>7</sup> Três países contribuem negativamente para este resultado: Espanha, Itália e Portugal.

comportamento antissocial, crenças e atitudes favoráveis a comportamentos desviantes e antissociais; (ii) *familiares*, tais como pais ligados ao crime, maus tratos na infância, débil consistência educativa familiar, fraco envolvimento parental, conflitos familiares recorrentes, comportamentos familiares favoráveis ao uso de drogas e à violência, separação pais-filhos; (iii) *escolares*, tais como insucesso escolar, fraca ligação à escola, absentismo e abandono escolar, frequentes mudanças de escola frequentes; (iv) *relativos aos pares*, tais como irmãos delinquentes, colegas delinquentes, ser membro de gang; (v) *relativos à comunidade e vizinhos*, tais como pobreza, desorganização comunitária (existência de gangs, crime, venda de droga,...), fácil acesso a drogas e armas, vizinhos adultos envolvidos no crime, exposição à violência e ao preconceito racial.

Com base neste referencial, construímos um guião para as entrevistas individuais, tendo em vista a realização de uma apreciação geral acerca do caminho percorrido ao longo dos primeiros oito meses de atividade do Arco Maior. A entrevista conteve três partes: uma de registo dos antecedentes que pudessem ajudar a explicar a presença no Arco Maior e a evolução dos comportamentos e atitudes na nova “casa”, uma segunda de apreciação pessoal acerca da forma como decorreu a participação no Arco Maior até ao mês de junho e uma terceira que nos ajudasse a perceber desde já os projetos pessoais futuros e a sua consistência. Assim, este guião incidiu, em cada parte, sobre os seguintes aspetos.

Na parte 1, antecedentes e contexto, abordámos: a) onde vive (ou viveu), situação económica e pobreza, desorganização comunitária, exposição a violência; b) tipo de família, irmãos, situação dos pais, antecedentes de violência e droga na família; c) problemas escolares: antecedentes escolares, da educação pré-escolar até à saída da escola, reprovações, casos de conflito e indisciplina, absentismo e abandono, mudanças de escola; d) Comportamento: hiperatividade e agressividade; e) tipo de colegas, *participação em gangs*, comportamentos de risco.

Na parte 2, sobre o Arco Maior, o guião contemplou as seguintes alíneas: a) apreciação em geral, o que mais os cativa no projeto, aquilo de que menos gostam; b) professores em geral e professores por disciplina; c) professores-permanentes, o que mais valorizam neles e o que menos apreciam; d) aulas e conteúdos; e) metodologias de ensino, relevância dos projetos (Natal, Carnaval, S. João...); f) ambiente interno: a atenção, cuidado e o apoio dados a cada um; g) ambiente educativo: papel das assembleias de alunos; h) colegas e ambiente criado, relações interpessoais; i) alimentação; j) equipamentos; l) instalações.

Na parte 3, sobre o seu futuro e o futuro do Arco Maior, abordámos: a) que projetos têm, que anseios imediatos; b) que querem fazer na vida, em geral e para o futuro; c) que formação sequencial gostariam de realizar; d) que esperam do Arco Maior, no futuro para os jovens em situação idêntica à sua.

As entrevistas duraram entre 6 e 15 minutos, uma vez que o vocabulário é geralmente muito reduzido, as reflexões muito contidas e as apreciações muito sucintas. As entrevistas decorreram numa das salas de apoio do projeto, foram gravadas com o consentimento de cada jovem e foram depois transcritas na íntegra e trabalhadas manualmente.

**Caracterização do grupo de jovens entrevistados.** Os jovens do Arco Maior foram identificados pelas CPCJ do Porto, como tendo abandonado o sistema escolar nos últimos anos, sem uma qualificação mínima obrigatória, seguidamente foram referenciados a um território, um dado bairro social da cidade (todos moram em bairros sociais), tendo sido posteriormente feito um contacto com instituições de apoio social existentes em cada bairro, que auxiliaram na identificação final dos jovens a contactar. Houve encontros dos dois professores destacados para o Projeto, no ano anterior ao seu arranque formal, com cada um destes jovens, tendo sido feitos os convites pessoais, que foram imediatamente aceites, na generalidade dos casos.

A caracterização dos jovens segue os seguintes elementos: antecedentes e contexto em que vive, tipo de família, problemas escolares no percurso formativo que originaram o abandono escolar, apreciação geral do comportamento no Arco Maior e existência de comportamentos de risco.

FF, vive em Lordelo do Ouro, abandonou a escola no 9º ano, sem o concluir, com 17 anos (agora tem 21), veio de Lordelo, desistiu porque “a escola não me dizia nada”, nunca teve problemas de “mau comportamento”, vive com os pais, ambos desempregados, e tem dois irmãos, esteve quase três anos em casa. Tem um bom ambiente familiar e bom relacionamento com os pares.

JB, abandonou a escola aos 16, com o 8º ano (agora tem 19), veio do Cerco, tem um irmão e vive com os pais, em Vila D’Este. Tem percursos de consumo de droga, de bastante exposição à violência e de pertença a gangs. Tem comportamentos bastante agressivos.

IL, abandonou a escola ao 5º ano, veio da EB de Leonardo Coimbra, aos 14 anos foi para Castro Verde (tem agora 18 anos), vive em Gaia, sozinha, por opção, tem dois irmãos, vive com apoio da Segurança Social. Tem um percurso de consumo de drogas, de exposição a violência, desagregação comunitária e a mãe é muito desorientada e está desempregada.

CA, abandonou a escola no 9º ano, após ter repetido duas vezes, sem sucesso, tem 23 anos, vive na Pasteleira com o companheiro e uma filha de 4 anos. Tem dois irmãos, uma família estável e com os pais empregados.

UM, veio de S. Tomé e Príncipe há dois anos, onde estudou até ao 7º ano, tem 19 anos, vive com os pais e três irmãos, em Lordelo, Pinheiro Torres. Os pais encontram-se desempregados, estando a mãe, neste momento, numa ocupação temporária.

BD, abandonou a escola com 18 anos (agora tem 19), com o 6º ano, tem uma irmã, vive em Gaia com os pais, ambos desempregados. Apresenta um comportamento hiperativo, sem percurso de droga ou pertença a gangs.

CR, saiu da Leonardo Coimbra ao 5º ano (tem atualmente 21 anos)- “saí porque não gostava muito das aulas”, “estive cinco seis anos sem fazer nada mesmo” - vive na Pasteleira com sete irmãos e com a mãe desempregada. Tem um agregado economicamente bastante frágil e não teve consumos nem convívio com grupos violentos.

AM, andou na EB de Leonardo Coimbra, estudou até ao 6º ano, saiu com 15 anos (tem agora 23), expulso por agressão a um professor, “derivado a más companhias do Aleixo, que conheci na escola”, vive na Pasteleira, com 2 irmãos e com os pais. Tem um filha de três anos, que vive com a mãe. Tem elevada

exposição a violência e vive em contexto de desagregação comunitária. Tem percursos de consumo de drogas. É muito inconstante e por vezes agressivo.

DM, estudou na EB de Ramalho Ortigão até ao 7º ano, reprovou 3 vezes, uma no 5º e duas no 7º, “ e então desisti”, tem 17 anos, seis irmãos, vive com a mãe, desempregada, e outros familiares (pai faleceu), no Lagarteiro. A situação económica da família é bastante frágil, vive exposta a forte desagregação comunitária e a violência.

TS, abandonou a EB de Leonardo Coimbra, onde estudou até ao 6º ano, sem o ter concluído, “só fazia asneiras e fui expulso”, esteve 4 anos sem fazer nada (agora tem 23 anos), alguns trabalhos pelo meio, vive na Arrábida, numa situação económica precária e não tem irmãos. É hiperativo e apresenta alguma agressividade; não teve percursos de consumo, embora viva num contexto de desagregação comunitária.

RS, estudou 13 anos no Colégio Barão de Nova Sintra “porque a família não tinha condições para o criar”, entrou aos 6 e saiu aos 18, só estudou até ao 6º ano, que não concluiu (tem agora 22 anos), não tem irmãos, tem uma filha de 5 anos e vive na Batalha. Tem uma situação económica muito precária.

PM, tem 22 anos, vive na Pasteleira, com a mãe, que está desempregada (o pai faleceu ao longo do ano), e com seis irmãos e tem uma situação económica muito frágil. Frequentou a Escola Leonardo Coimbra que abandonou com o 6ºano concluído.



**O que mais apreciam e o que menos apreciam no Arco Maior.** Esta foi a primeira questão abordada. Do lado dos aspetos mais positivos surgem: “estarmos ali todos juntos”, “o convívio e o apoio dos professores”, “os professores são completamente diferentes de uma escola normal, a maneira como lidam connosco, acho que é o essencial, o segredo está aí”, “gosto dos colegas”, “poder fazer [completar] o 9º ano em oito meses é uma coisa muito positiva”, “não fazia nada, agora já estou a estudar, estou a aprender coisas e

gosto dos professores”, “gosto do convívio com os professores, ajudam-nos muito naquilo que é preciso e dão-nos sempre apoio, motivação para uma pessoa continuar, isso é a melhor coisa que levo daqui”.

O que é menos apreciado: “é de ter de acordar cedo”, “dos roubos que acontecem”, “de algumas regras que impõem aqui, como o caso do passe” [que obriga a uma assiduidade mínima], “o que não gosto é de conviver, gosto de conviver com pessoas muito mais velhas”. Vários jovens dizem que gostam de tudo e que não encontram aspetos negativos no projeto.

**Opinião sobre os professores.** A opinião geral é muito positiva e isso pode verificar-se em expressões como a referida no ponto anterior e ainda: “são todos muito bons”, “excelentes”, “são compreensivos e dão boas aulas”, “opinião positiva, gosto de todos”, “gosto do convívio com os professores, ajudam-nos naquilo que é preciso e dão-nos sempre apoio, motivação para uma pessoa continuar. Há dias que uma pessoa não quer vir e estão sempre preocupados connosco. Isso é a melhor coisa que levo daqui, deste projeto do Arco Maior.”

Em particular, é destacada a forma de ser e estar destes professores, num quadro organizacional e num projeto socioeducativo que lhes permite e estimula o estar de outro modo com os alunos: “têm paciência. Não é como os outros, na escola. Os outros é sempre a andar. Eles falam connosco e até brincam. Nas outras escolas, o normal não é assim. Passou, passou; não passou, passa sempre à frente. Não vai estar a explicar dez vezes, aqui explicam. Isso é que é diferente.”

Há um destaque pela positiva para os professores de Matemática (“nunca gostei de Matemática e vim para aqui e estou a gostar”) e de TIC (são várias vezes referidos estes professores). Vários jovens manifestam ainda uma apreciação pouco positiva de uma das professoras de Português.

“Aqui é muito diferente...não é uma questão de ser difícil, mas estar lá quase 24 sobre 24 horas...era muito tempo de aulas e os professores não são como estes...aqui os professores são mais compreensivos”.

**Sobre os dois professores coordenadores,** a avaliação é extremamente positiva, da parte de todos os jovens, sem exceção. As expressões são: “gosto muito deles”, “se não fossem eles, se calhar isto não tinha ido tão longe, acho eu...até acho que dão demais por isto e por pessoas que, sinceramente, não dão valor àquilo que os outros fazem”, “é da professora Isabel que eu estou mais perto. Ela é que vem para perto de mim”, “a professora Isabel é a luz disto. Está lá sempre que eu preciso, sempre que estou mais em baixo ela vem logo ter comigo...É a mãe do Arco Maior”, “têm estado sempre ao nosso lado, claro que é fundamental eles estarem aqui”, “se não fossem eles, eu hoje não estava aqui nem concluía o 9º ano para no meu futuro ter um trabalho. Isto já está difícil assim, imagine para quem não tem o 9º ano...”, “a professora Isabel está sempre preocupada connosco, está-nos sempre a ligar para uma pessoa vir, está-nos sempre a dar motivação para uma pessoa fazer outra coisa diferente e o professor Antero impõe o seu respeito”, “a professora Isabel é uma professora muito fixe, acho que é uma das melhores professoras que eu já tive. Se estivermos com problemas ela dá-nos apoio. O professor Antero também”.

“Acho que se não fossem eles isto se calhar não estava assim; acho que eles às vezes têm demasiada paciência...e se realmente vocês quiserem dar continuidade



a isto, acho que não podem prescindir deles; é a minha opinião, porque no dia em que vocês prescindirem deles, isto fracassa.”

**A apreciação das aulas** é, em geral, bastante positiva, havendo reações sobre esta ou aquela disciplina/oficina, como por exemplo: “há aulas em que eu até consigo perceber bem as coisas, mas outras não; há professores que às vezes explicam bem e outras vezes não, principalmente o professor de Matemática...eu não percebo nada... e ele não tem paciência para mim” e “só não gosto do Restauro...é um trabalho muito sujo; se fosse uma questão de trabalho (profissional) tinha mesmo que ser...”.

Vários alunos sublinham a possibilidade que agora têm de recuperarem saberes esquecidos ou nunca bem aprendidos no passado: “acho que agora está melhor...antes era um bocadinho fácil...também é bom para relembrar, falar de coisas que já falámos para aí há 10 anos...” ou “em Matemática é que é coisas úteis; já não me lembrava de muitas coisas, como as contas de dividir, agora já sei” ou ainda “estamos a aprender coisas novas que a gente nunca deu; é sempre uma mais valia para nós”.

Uma jovem aproveita para sublinhar de novo :“o que aprecio mais é o facto de os professores me ajudarem, me compreenderem”.

**Sobre os projetos/atividades temáticas (S. João, Natal, Carnaval,...):** os jovens valorizam a sua participação nestas atividades, mas sem entusiasmo. As opiniões dos alunos diferem, mesmo assim. Há os que não gostam mesmo: desde o “não gosto disso” ou “é um trabalho um bocado de crianças”, até ao “se tiver de ajudar a fazer, eu ajudo, se for do tipo - vou fazer aquilo porque tenho de fazer, eu já não faço”. Há outros que valorizam, aduzindo razões distintas, como: “é bom...porque uma pessoa ao estar a fazer isso, está a compreender o porquê de estar a fazer isso e o porquê de ser aquilo, por alguma razão é que é aquilo...quando faço uma coisa quero saber porque é que estou a fazer” ou “acho que é um bom momento para uma pessoa se conhecer melhor fora de aulas, porque quando é aulas uma pessoa tem que respeitar o professor e o professor o aluno e quando é assim, um momento de festa, a gente conversa com todos por igual, eu acho isso fundamental.”.

Esta deveria ser uma área do projeto a ser revista, uma vez que existe esta dispersão de opiniões e não existe grande entusiasmo por parte dos jovens.

**Assembleia semanal.** Este é o momento semanal de encontro entre os jovens e os professores permanentes, às segundas-feiras, para se colocarem em cima da mesa os acontecimentos, para se conversar e ainda para se estabelecerem as regras de funcionamento. Isso é refletido em apreciações positivas tais como: “é importante, porque durante a semana dá para resolver os problemas e assim tiramos um bocadinho do dia para falarmos” ou “até acaba por ser bom, porque é um sítio onde a gente pode discutir à vontade”; “eu não gosto de assistir a essas reuniões, sou sincero, para mim o que os outros decidirem está bom” e ainda “é bom porque podemos pôr as nossas questões, somos ouvidos e fazem as coisas que a gente quer, às vezes, se a gente tiver razão, neste caso”.

Há também opiniões menos positivas, relativas ao ambiente que se gera: “acho que não se fala tudo, é muito desorganizado...eles abusam “tótil” e não dá para

ter reuniões...claro que é útil, a Assembleia serve para quando mudam as regras, quando temos visita de estudo, quando é estas coisas dos eventos, é para isso que serve..." e ainda, sobre alguns conflitos gerados entre colegas: "não adianta nada estarmos a pegarmo-nos uns com os outros, porque isto é nosso; devemos pensar todos igual para chegarmos a um acordo".

**Sobre o ambiente que se vive entre colegas**, a opinião é totalmente favorável, havendo registos que vão desde o simples "gosto" ou "gosto muito", ao mais generalizado "dou-me bem com todos" e "damo-nos todos bem" ou "são todos boas pessoas". Duas jovens dizem expressamente: "já disse a amigas minhas e a amigos para virem para aqui, se abrir mais uma turma, é uma coisa boa" e "eu sinto-me bem...porque eu estou a aprender algumas coisas que eu queria há muito tempo". Dois jovens referem pequenos atritos entre colegas, mas que já estão ultrapassados.

**Apreciação respeitante às instalações e aos equipamentos.** Os jovens fazem uma apreciação bastante crítica das instalações, uma casa que estava momentaneamente abandonada e um pouco degradada, à espera de entrar em obras para aí ser construída a sede da SCMPorto. A casa foi limpa, recuperada e mobilada com equipamentos vários oferecidos e recolhidos de múltiplas proveniências. As salas de aula tinham mesas e cadeiras de vários formatos e cores. Algum mobiliário existente na casa foi limpo e recuperado e serviu os propósitos do Projeto.

Desde uma apreciação do tipo "a primeira vez que vi assustei-me, mas pior que isto acho que não vamos encontrar", até considerações muito negativas relativas ao frio que se passou no inverno, como "o pior já passou, era o frio e a chuva, mas agora está tudo operacional", ou "devia ser diferente algumas coisas; aqui quando está frio uma pessoa congela, é só isso, de resto já nos habituamos a tudo" ou ainda "as condições da casa... é bom, mas há umas coisas para trocar... janelas, fechaduras de portas, coisas assim", constata-se uma resignação que é muito habitual em pessoas carenciadas e pobres e que vivem com dificuldades nas suas próprias casas. Esta atitude está clara em apreciações como "isto não tem muitas condições, mas foi aqui que o Arco Maior foi criado; vai ficar sempre aqui as nossas memórias, mas claro que gostava que tivéssemos uma escola com obras, com condições para a gente lá estar, mas estamos bem aqui" ou "está dentro do normal, a gente tem pedido e têm-nos ajudado com aquilo que podem. A gente não pode querer mais...nós fomos chamados para aqui" ou ainda "para o momento em que estamos, acho que está bom; isto para mim não está tão mal como dizem, mas vai haver outras instalações melhores...". Há também aqueles que fazem apenas um registo positivo, sem qualquer distanciamento crítico: "as instalações são boas e o material também" e "equipamentos tem, os computadores servem, as salas estão mais ou menos, dá para uma pessoa estudar" e ainda "gosto, preferia ficar aqui do que mudarmos, tem pátio, é grande".

Quanto aos equipamentos, as apreciações são genericamente positivas, pois também é verdade que dispúnhamos de uma sala de informática e de uma oficina de restauro, com bancadas e com equipamento mínimo essencial.

**Apreciação quanto à alimentação.** Uma das oficinas previstas era a de Cozinha e não foi possível concretizar tal oficina neste espaço. Por isso, a alimentação era recolhida diariamente no AE Rodrigues de Freitas e levada pelos alunos, a pé, para o Arco Maior. As apreciações, são, regra geral, negativas. Este constituiu de facto um dos obstáculos claros ao desenvolvimento das atividades (embora entretanto o SAOM-Serviço de Assistência Organizações de Maria tivesse disponibilizado as suas instalações, onde funcionou uma atividade de pastelaria, apoiada pela professora de Língua Materna).

As expressões dos jovens são: “não gosto, não consigo comer” ou “não como aqui, não consigo. Há dias em que vem a comida bem boa, mas há alguns em que...” ou “a comida não é muito favorável” e “não gosto muito, é raro comer cá” e ainda “a alimentação é que podia ser melhor”. Para alguns, a comida não os desagrada tanto: “Come-se; podia se melhor, às vezes até é bem boa” ou “é razoável, é o que tem, temos de comer” ou ainda “a comida uns dias é boa, outros dias não apetece comer, mas tenho que comer mesmo assim” e “não é má, há piores; até é boa, a comida”: um deles chega mais longe e diz mesmo: “devíamos ter a cozinha a funcionar, porque assim fazíamos nós as refeições”.

De facto a não existência de cozinha e da respetiva Oficina conduziu a que o grupo se desfizesse bastante à hora de almoço, havendo alguns que se deslocavam a casa todos os dias para almoçar. Torna-se crucial que a oficina de Cozinha/restauração funcione mesmo no Projeto, pois do seu funcionamento depende em grande medida o modelo de educação proposto, mormente a criação de uma equipa coesa, a ligação das ementas e da confeção diária às “disciplinas teóricas” e o cumprimento de regras muito claras e intransponíveis.

**No que se refere às visitas ao exterior,** as apreciações são sempre positivas e bastante positivas, registando-se da parte da maioria dos jovens uma apreciação negativa acerca do seu próprio comportamento na deslocação a Lisboa (ao Museu do Teatro e ao Museu das Histórias Paula Rego, em Cascais), onde houve confrontos com um grupo de jovens da capital, em plena rua. Sugerem que se mantenham as visitas e asseguram uma atitude nova da sua parte.



**Sobre o seu próprio futuro.** Estes jovens revelam que um dos elementos que mais os fazem vir ao Arco e manter-se relativamente assíduos é o desejo/necessidade de obter o certificado do 9º ano de escolaridade. Uma parte dos jovens quer seguir cursos de formação técnica e profissional e assim, obter uma qualificação para o trabalho e, eventualmente, o 12º ano. Uma boa parte deles gostaria de frequentar um ambiente escolar do género do do Arco Maior, se possível gostavam de continuar no Arco.

Vejam os seus próprios discursos: (i) “gostava de fazer aqui o 12º ano. Gostava de fazer um curso de Moda e já falei com a Senhora que trata disso”; (ii) “Eu penso tirar um curso de comércio (balcão), que era, desde que eu entrei para a escola, o que eu queria tirar. Mas o que eu mais gostava era continuar no Arco Maior. Um dia que eu trabalhe, a primeira coisa que eu fazia era sair do bairro onde estou e levava a minha mãe comigo”; (iii) “se houver [um curso de] empregado de balcão e mesa, é a minha área, é mais a minha praia”; (iv) “eu gostava de continuar a estudar, gostava de estudar fotografia e queria arranjar um trabalho. Mas quero continuar a estudar”; (v) “gostava de fazer uma formação em segurança, depois ficamos com um cartão válido por cinco anos; gostava de ter o 12º ano, mas não posso ficar mais tempo sem trabalhar, dar à minha filha outro futuro que eu não tive e dar-lhe outra expectativa de trabalho”; (vi) “quero tirar um curso profissional, um curso de mecânica”; (vii) “gostava de tirar aqui o 12º ano... restauração, se calhar, era o mais certo para mim.(...) se calhar para vir a ter um café, é mais a minha praia”; (viii) “gostava de tirar o curso de auxiliar de ação educativa, mas eu gostava de continuar cá, já conheço...”; (ix) “gostava de fazer um curso de animador sociocultural, sempre foi o que quis tirar”; (x) “gosto de pastelaria e de restauro”. Apenas dois dos jovens apontam para objetivos um pouco diferentes, como seja trabalhar, “queria tirar o 9º ano e depois, não sei. Trabalhar, talvez, como vigilante, segurança” ou integrar as forças militares, “depois de ter o 9º ano, quero tentar entrar na tropa, é o meu primeiro objetivo”.

Um dado fica bastante claro ao ouvirmos estas afirmações: se a área de qualificação surge com alguma e até bastante nitidez, na maioria dos casos, os jovens sentem-se muito desnorteados quanto ao tipo de formação a fazer: onde, que tipo de curso, com que duração, com que proposta de ensino e aprendizagem. Sentem-se mesmo inseguros, daí esta reiteração acerca de quererem permanecer no “ambiente educativo” do Arco Maior. Este constitui um dos problemas decorrentes da existência desta proposta socioeducativa atípica, o facto de ela não ter continuidade num modelo pedagógico equivalente, caso os jovens queiram prosseguir estudos. De facto, a cidade não tem tradição de oferecer formações profissionais modulares de curta duração, para onde estes e outros jovens se possam encaminhar. Vale a pena acompanharmos o que se irá passar com os jovens que iremos certificar, tendo em vista percebermos o que lhes sucede, em termos de sequência do seu projeto de vida.

**Apreciação geral sobre o Arco Maior e o seu futuro.** Os jovens procedem a uma avaliação global muito positiva sobre o Arco Maior. Este projeto está a mudar a sua vida e, como dizem, pode mudar a vida de outros, porque há muitos jovens “por aí” que precisam, sem escolaridade básica, que estão “no quelho” e que, se lhes dissermos anda, eles vêm logo”.

As apreciações são deste tipo: (i) “eu acho que o Arco devia continuar, porque realmente há por aí muita gente, ao pé da minha casa tem lá muitos rapazes e raparigas que não têm a escolaridade, nem sequer o 5º ano e aqui podiam fazer. Eu já estou (inscrito) num centro de emprego para ir para um curso para aí há três anos. (...) acho que o que fizeram para mim, podiam fazer a muito mais gente e mudar a vida de muita gente”; (ii) “para mim foi uma grande oportunidade. Eu já não imaginava voltar à escola outra vez, já era uma coisa posta de lado. Vim para aqui e fez-me pensar noutras coisas, noutras oportunidades, seguir o 12º ano, que era uma coisa que já não me passava pela ideia”; (iii) “vocês fazem um ótimo trabalho, talvez se fossem um bocado mais restritos em relação a algumas pessoas, verem em quem é que realmente deviam apostar, não deviam gastar oportunidades e acho que há pessoas aqui que não aproveitam”; (iv) “deviam ir buscar rapazes novos, acho que é a melhor coisa, porque há miúdos aí, se as pessoas não pegam neles, eles estão ali no quelho, tenho amigos que se disser anda, eles vêm logo...”; (v) isto “devia continuar, conheço tanta gente!”; (vi) “hoje em dia isto está muito mal e este projeto foi bem empregue e muitos que estão aqui que aproveitem até ao fim. É só isso que tenho para dizer”; (vii) “têm a paciência que é preciso para nós... a professora Isabel principalmente, que é a pessoa que eu me dou melhor aqui dentro, vou ter uma ligação para sempre, mesmo que a gente não se fale anos e anos, eu vou sempre lembrar-me de vocês”; (viii) “eu acho que isto já tem tudo o que a gente podia ter, sinceramente. Acho que isto chega mesmo”; (ix) “deviam continuar assim” e, por fim, uma sugestão: (x) “acho que deviam fazer alguma coisa, agora, que nos cative mais a todos, para vir à escola, para não faltar...fazer mais projetos que a gente goste”.

**Uma escola diferente.** Por fim, deixamos a transcrição de uma parte de uma das entrevistas, que é reveladora da oportunidade socioeducativa que o Arco Maior é na vida destes jovens.

*“-o facto de poderes vir a fazer, no futuro, um curso de mais dois ou três anos de formação, isso não te incomoda?*

*-se não [faço] vou para casa, para o mesmo sítio onde estava.*

*-pois, tu estiveste quanto tempo parado a seguir a saíres da escola?*

*-tive para aí dois anos e meio, três.*

*-e o que é que fazias?*

*-em casa.*

*-e que vida era essa, em casa?*

*-em casa comia, via televisão, ia para o Centro, ficava lá até às cinco horas, depois ia para casa, usava o computador, comia, dormia até às quatro da tarde, se não estivesse o meu pai em casa, porque o meu pai trabalhava, saía à segunda e vinha à sexta, acordava às quatro horas da tarde, tomava banho, comia no Centro, era sempre assim, ia estar com os amigos.*

*-não era uma grande situação...*

*-ao vir para aqui, se calhar até ajudou um bocadinho, para distrair, se não já estava a dar em maluco, não de estar sempre em casa, mas sim de fazer sempre a mesma coisa, já estava farto.*

*-e não era vida nem futuro para ti.*

*-já estava a bater mal.*

*-pois e o que achas do Arco, do seu futuro, o que é que poderíamos fazer, tens ideias?*

*-futuro, como assim?*

*-do Arco Maior, do projeto...*

*-buscar rapazes novos, acho que é a melhor coisa, porque há miúdos, se as pessoas não pegam neles, eles estão ali no quelho, tenho amigos que se lhes disser anda, eles vêm logo, mas há outros por trás que dizem vais fazer o quê, e já não vêm; a esses por acaso dou-lhes na cabeça: -ouve lá, tens de olhar para o teu futuro, lá por estarem ali parados, não vais ficar aqui também!*

*(...)*

*-pois há miúdos desses que se deixam influenciar muito, não é?*

*-pois deixam-se influenciar e depois ficam parados, já lhes disse que têm de sair dali*

*-pois muito bem, não sei se tens uma apreciação do Arco, não sei se querias dizer mais...*

*-é uma escola diferente.*

*-sim, muito diferente, mas essa diferença, na tua opinião, é uma diferença positiva?*

*-sim, àquilo que nós aqui fazemos, numa escola não era normal, não era aceite numa escola.*

*(...)*

*-sim, mas achas mau o facto de ser diferente?*

*-é mau para quem está nas aulas e leva com o barulho todo. Quer dizer, é mau e não é mau, estou a falar dos outros, mas os outros também podem dizer "aquele está ali e é levado ao colo!"*

*-mas consegues trabalhar, apesar de tudo, tens uma avaliação negativa do trabalho aqui?*

*-não, eu tenho uma avaliação positiva, nunca vinha para a escola com aquela ideia de fazer asneiras, hoje vou partir um vidro, nunca fiz uma asneira*

*-sim*

*-não leva a nada, só me castigo".*

**Certificação.** Do grupo dos jovens que foram acolhidos no Arco Maior, em 2013/14, 20 no total: 4 frequentaram o curso B2 conducente ao 6º ano, dos quais 1 continua e 3 concluíram a formação e inscreveram-se no curso B3 de acesso ao 9º ano; 4 concluíram o 9º ano; 9 frequentaram o curso conducente à certificação do 9º ano, com variações horárias que vão das 17h às 27h, e continuam inscritos no ano seguinte (2014/15) para conclusão mais lenta desta formação; um desistiu, um foi para o estrangeiro e outro foi detido. No fim do primeiro ano de atividade, podemos dizer que foi possível orientar um grupo de 17 jovens que se encontram agora a estudar, a trabalhar ou à procura de emprego, e certificar escolarmente cada um deles, ainda que num ritmo mais lento do que aquele que se supunha inicialmente (alguns acabarão esta formação apenas durante o ano 2014/15).

De facto, a assiduidade da maioria destes jovens é bastante irregular e um dos principais ganhos deste projeto consistirá mesmo em conseguir fazer vingar e prevalecer, na vida atribulada destes jovens, este esforço e esta vontade de realizar um percurso socioeducativo com princípio, meio e fim, ainda que com altos e baixos. Por isso, a equipa de docentes permanentes nunca desiste de nenhum deles e incita-os sempre a regressar, seja em cada dia em que faltam, seja durante o mês ou os meses em que continuam a faltar. E uma boa parte

deles regressa e vai realizando conquistas pequenas mas muito importantes no sentido de levar por diante este compromisso. É mantida também uma boa ligação da equipa com os pais, ou com um deles ou outro familiar, sempre que possível, procurando avivar laços por vezes muito frágeis, sempre que tal intervenção tem o acordo dos próprios jovens.

**Conclusão geral.** As apreciações dos jovens revelam um balanço bastante positivo acerca do Projeto. Aquilo que nele mais valorizam é a hospitalidade, o tempo que existe e lhes é dedicado, sem pressas (na escola “é sempre a andar”, “passou, passou; não passou, passou sempre à frente”), com uma grande disponibilidade e “paciência”. A opinião sobre os dois professores coordenadores é muito favorável, sendo fácil verificar que sem a sua presença e o seu modo de ser e estar, este projeto nunca atingiria os resultados que alcançou, pois ficaria amputado de uma presença permanente, atenta, competente, enquadradora e carinhosa. Eles, um homem e uma mulher, constituem as referências fundamentais destes jovens, sendo figuras de vinculação que substituem, em grande medida, outras que não existem.

A sua presença constitui, de facto, um elemento de forte vinculação para muitos dos jovens, rapazes e raparigas, pela intensidade e qualidade da presença humana, por vezes bem diversa da que os jovens conseguem ter em casa. Tal facto alerta-nos para uma aposta crucial neste tipo de equipas docentes, pois elas nunca se poderão conter num mero somatório de professores a lecionar as várias disciplinas e oficinas, mas têm mesmo de contar com estes adultos de referência quotidiana (de preferência homem e mulher, como fica bem nítido nesta avaliação), que, além de lecionarem, convocam, em cada dia, o esforço destes jovens para uma inserção social que requer muito esforço, não só para adquirir conhecimentos escolares e rotinas novas, como levantar da cama todos os dias com o nascer de cada dia, ou respeitar os colegas e os professores, como também para saber estar e situar-se na sua vida, na sua família, entre pares, na sociedade, ser autónomo, saber comprometer-se e ser responsável, construir cooperativamente com os docentes as traves mestras de um projeto de vida com um novo sentido.

Sobre o conjunto dos docentes, a apreciação também é geralmente muito positiva. A sua escolha, por parte do AE Rodrigues de Freitas, tarefa na qual a sua diretora se empenhou, demonstra assim ter sido feita com critério e acerto. Muitos deles tinham já experiência de lecionação de turmas de alunos com jovens com baixo rendimento escolar e com risco de abandono escolar precoce. Este facto fortaleceu a nossa ligação a este AE e contribuiu para uma cada vez melhor inserção deste projeto nas dinâmicas do Agrupamento.

As instalações e os equipamentos são alvo de uma avaliação menos positiva, bem como a alimentação, como seria de esperar, uma vez que ocupámos umas instalações que estavam desocupadas, sujas e degradadas, provisoriamente, até sairmos para outras em melhores condições, o que só sucedeu realmente na transição para o novo ano letivo, em Setembro de 2014.

Este facto também impediu o funcionamento da Oficina de Restauração/Cozinha, área em torno da qual se tinha estruturado uma boa parte das atividades de ensino e de aprendizagem, como plataforma diária de cruzamento dos saberes e da aquisição de novos saberes (em redor dos sabores e ementas diárias), seja no planeamento diário das refeições, seja na sua confeção e na partilha conjunta da

refeição do almoço. Esta foi, de facto, a grande falha do projeto, no seu primeiro ano de funcionamento, abalando um dos seus pressupostos pedagógicos, apesar dos jovens entrevistados não a percecionarem com esta dimensão.

O objetivo da realização do percurso escolar dos jovens (6º e 9º anos) foi alcançado, na maioria dos casos e uma boa parte deles quer continuar a sua formação. O problema principal que colocam sobre a mesa tem que ver com os ambientes educativos que irão encontrar para o concretizarem. Por isso se refugiam tanto na ideia do prosseguimento do modelo educativo do Arco Maior pelo ensino secundário profissional. Não é essa a matriz deste projeto, pelo que está prevista, em 2014/15, uma dinâmica de acompanhamento dos processos de inserção escolar e socioprofissional deste jovens, realizada pelos dois docentes coordenadores.

Os jovens do Arco Maior (tanto quanto é possível generalizar), dado o ambiente de desassossego, agressividade e violência em que vivem quotidianamente mergulhados nos seus bairros, no Porto (e em Gaia), em que as suas famílias muito raramente constituem esteios firmes e permanentes de apoio ao desenvolvimento pessoal, encontram no Arco Maior a sua “casa”: um lugar de hospitalidade e reconhecimento, um lugar familiar e acolhedor, um ambiente que lhes dá muito e que também lhes exige bastante. Com experiências de um passado escolar bastante penoso, com conflitos por vezes bastante graves pelo caminho, estes jovens aceitaram o desafio (foram convidados e disseram sim) de serem acolhidos numa escola outra, onde fosse possível passar da desorientação a alguma concentração e ao abrir de um caminho diferente nas suas vidas. É óbvio que o Arco Maior não é uma varinha mágica que muda bairros, famílias, situações de pobreza e de exclusão. Reconhecer isto é aceitar que o trabalho desenvolvido pode dar poucos frutos, tal o peso da mó contextual. Essa humildade é crucial. Mas reconhecer isto é também prosseguir o caminho traçado, com determinação, pois a oportunidade que é dada a estes jovens é uma janela que se abre numa parede sem saídas. E isso, que constitui um imperativo político, ético e cultural da nossa recente democracia, já é muito.

#### Referências:

Azevedo, J. & Fonseca, A. (2007). *Imprevisíveis Itinerários de transição escola trabalho: a expressão de uma outra sociedade*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

Comissão Europeia (2011). *Abordar el abandono escolar prematuro: una contribución clave a la agenda Europa 2020*. Bruselas: Comisión Europea.

Dale, R. (2010). *The dark side of the whiteboard: education, poverty, inequalities and social exclusion*. Ghent: NESSE.

Funico, C.A. & Soares, J.B. (2009). *Guia metodológico. Interromper percursos marginais*. Lisboa: IAC.



Hawkins, J.D et al. (2000). *Predictors of youth violence*. Juvenile Justice Bulletin, april.

Lamb S., et al. (Eds.) (2011). *School Dropout and Completion. International Comparative Studies in Theory and Policy*. New York: Springer.

Lamb, S. & Markussen, E. (2011). School Dropout and Completion: an International Perspective. In S. Lamb, E. Markussen, R. Teese, N. Sandberg & J. Polese (Eds.), *School Dropout and Completion. International Comparative Studies in Theory and Policy* (pp. 1-18). New York: Springer.

Levin, B. (2003), *Approaches to equity in policy for lifelong learning*. A paper commissioned by the Education and Training Policy Division, OCDE. Consultado em 18/09/2007 em <http://www.oecd.org/dataoecd/50/16/38692676.pdf>

Mai de 2015.